



A EXCLUSÃO DAS MULHERES NA HISTORIOGRAFIA E SUA IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Katharine F. TEIXEIRA¹

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a exclusão das mulheres na historiografia e as implicações dessa ausência para o ensino de História. A partir das contribuições de Michelle Perrot e Joan Scott, discute-se como a escrita da História silenciou experiências femininas e como esse silenciamento é reproduzido nos currículos escolares. Com base na categoria analítica de gênero, defende-se a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem histórias marginalizadas, promovendo uma educação histórica plural e crítica. Ao reconhecer os limites do cânone historiográfico, propõe-se a escuta de outras vozes como forma de transformação do ensino.

Palavras-chave:

Silenciamento; Historiografia; Gênero; História das Mulheres; Ensino de História.

1. INTRODUÇÃO

A escrita da História, desde suas origens acadêmicas no século XIX, esteve ancorada em escolhas que refletiram valores de seu tempo, entre eles, a centralidade de sujeitos masculinos, brancos e pertencentes às elites. As mulheres, frequentemente relegadas ao espaço doméstico ou à condição de coadjuvantes, foram excluídas das grandes narrativas históricas. Essa exclusão não foi apenas um descuido, mas parte de uma estrutura epistemológica que definiu o que era digno de ser lembrado, registrado e ensinado.

Como aponta Michelle Perrot (2005), a história das mulheres foi silenciada tanto pelas fontes quanto pelos historiadores. Joan Scott (2017), ao propor o gênero como categoria de análise, desestabiliza o suposto universalismo da historiografia tradicional, revelando seus mecanismos de poder. Essas reflexões não se encerram no campo teórico: têm implicações diretas no ensino de História, uma vez que os currículos, livros didáticos e abordagens pedagógicas ainda reproduzem as mesmas ausências que estruturaram a disciplina.

Este artigo parte dessas críticas para discutir como o silenciamento das mulheres na historiografia impacta o ensino de História e propõe caminhos pedagógicos para a inserção de vozes marginalizadas nas salas de aula.

¹Graduanda em Licenciatura em História pelo Instituto Federal do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS. E-mail: Kathariefernandes2002@gmail.com

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Perrot (2005), os "silêncios da História" devem ser interpretados como construções sociais, não são simples lacunas de informação, mas resultados de processos históricos que decidiram o que merecia ser lembrado. A autora destaca a importância de recuperar as experiências femininas para além de adição às narrativas existentes, mas como formas de repensar o próprio fazer historiográfico.

Joan Scott (2017), por sua vez, vai além da "inclusão" ao propor o gênero como ferramenta analítica capaz de reconfigurar a estrutura da história. Para ela, não basta acrescentar mulheres ao passado, é imprescindível questionar os critérios que definiram a ausência delas como algo natural. Essa crítica à historiografia tradicional também se aplica ao ensino de História, onde o currículo escolar tende a reforçar representações hegemônicas. Ambas as autoras nos convidam a refletir sobre como a disciplina História foi construída a partir de exclusões sistemáticas e como a educação pode servir como espaço de reconstrução dessas ausências.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Este artigo baseia-se em pesquisa qualitativa e bibliográfica, utilizando como principal referencial teórico os textos de Michelle Perrot e Joan Scott, além de estudos sobre ensino de História e educação para as relações de gênero. O objetivo é construir uma análise da exclusão das mulheres na historiografia e discutir formas de enfrentamento dessa ausência no contexto da educação básica. Essa análise dialoga com práticas pedagógicas e reflexões teóricas que propõem uma educação histórica comprometida com a diversidade de vozes e experiências.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reprodução da historiografia tradicional nos espaços escolares tem efeitos concretos: estudantes aprendem uma história marcada por grandes feitos masculinos, por guerras, revoluções e líderes políticos quase sempre homens. A invisibilidade das mulheres nesse processo contribui para a naturalização de desigualdades e impede a construção de uma consciência histórica mais crítica e inclusiva. Inserir histórias silenciadas no ensino de História, portanto, requer mais do que simplesmente acrescentar figuras femininas em momentos pontuais; trata-se de repensar o currículo e as práticas pedagógicas de modo que o gênero se torne uma chave interpretativa para a compreensão do passado. A categoria proposta por Joan Scott (2017) permite que professores e alunos percebam como as relações de poder moldaram, e ainda moldam, as formas de produzir conhecimento histórico.

Entre as estratégias possíveis para promover essa transformação no ensino, destaca-se o trabalho com biografias de mulheres historicamente esquecidas, como intelectuais, camponesas,

militantes, mães e operárias, cujas experiências oferecem outras formas de leitura do passado. A valorização de fontes não tradicionais, como cartas, diários, entrevistas e registros orais, também contribui para ampliar o repertório historiográfico disponível em sala de aula. Além disso, é fundamental estimular debates que questionem os estereótipos de gênero e promovam a análise crítica das representações femininas nos diversos contextos históricos. Projetos interdisciplinares envolvendo temas como memória, identidade e relações de gênero também se mostram eficazes na construção de um ensino mais diverso. Ao adotar essas práticas, o ensino de História se torna capaz de reconhecer a diversidade de sujeitos históricos e de fomentar, entre os estudantes, uma atitude reflexiva diante da construção das narrativas sobre o passado.

5. CONCLUSÃO

A crítica feminista à historiografia além de revelar as ausências no passado narrado, mostra os limites do presente que o reproduz. No ensino de História, essa crítica precisa se traduzir em práticas que rompam com a lógica de silenciamento e promovam uma escuta ativa das múltiplas vozes que compõem a experiência histórica. Ao articular as contribuições de Michelle Perrot e Joan Scott, este trabalho reforça a importância de repensar tanto a escrita quanto o ensino da História, reconhecendo o gênero como ferramenta epistemológica e pedagógica. Inserir as histórias das mulheres nas salas de aula é um passo fundamental para construir uma educação histórica mais justa, crítica e inclusiva.

REFERÊNCIAS

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RIBEIRO SOARES NASCIMENTO, D. **Androcentrismo, a construção da dominação cultural masculina.** Cognitionis Scientific Journal, v. 3, n. 1, p. 1–7, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.38087/2595.8801.09>. Acesso em: 26 de maio de 2025.

SACRAMENTO, Sandra. **Mulheres emparedadas e seus espaços de memória.** Revista Estudos Feministas, v. 14, n. 2, p. 566–571, set. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000200022>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 24 maio 2025.